

Times Higher Education World University Ranking 2025

Introdução

Nesta nota técnica, descreve-se a nova metodologia, agora em seu segundo ano, explica-se as mudanças na posição e na pontuação de cada uma das seis universidades públicas do Estado de São Paulo e faz-se recomendações sobre como as universidades podem consolidar ou melhorar sua posição no ranking, respeitando suas missões específicas.

Esse ranking ainda se baseia fortemente no prestígio global, conforme representado por uma pesquisa global junto a acadêmicos. Isso significa que, em grande parte da metodologia, essa não é uma medida de desempenho institucional, mas de visibilidade. A nova metodologia, agora em seu segundo ano, revela de forma mais precisa como as citações são distribuídas na produção de pesquisa de uma universidade. As citações não são uma medida da qualidade da pesquisa (apesar da nomenclatura do THE), nem são suficientes para demonstrar o impacto social, econômico ou ambiental – elas podem sugerir fortemente o impacto intelectual que uma produção científica teve.

Desde que o Times Higher Education mudou sua metodologia, a principal variação foi o reingresso da USP entre as 200 melhores pela primeira vez desde 2012. A entrada inicial da instituição nesse grupo foi objeto de muita discussão na mídia, praticamente iniciando o interesse do Brasil nos rankings universitários. Nos 13 anos seguintes, os rankings se tornaram muito mais disputados e provocaram uma corrida global por posições, o que significa que aparecer entre as 200 melhores hoje é, sem dúvida, mais desafiador do que era no passado.

Metodologia 2024-2025

1. “Research Strength” – FWCI Q3 (10%)

Esse indicador, que almeja representar a taxa de citação da maioria das publicações de uma universidade, exclui os 25% dos artigos mais citados e considera o FWCI do artigo no 75 percentil. Isso exclui o limitado número de artigos muito citados, como aqueles do Global Disease Burden, com centenas de autores e centenas de citações. Com isso, este indicador considera apenas os 75% menos citados. Esta abordagem favorece as instituições maiores e mais bem estabelecidas. Com isso, representa uma medida mais apropriada de quão bem citada é uma universidade em média, em vez de seu envolvimento em poucos estudos altamente citados. Nesse caso, a USP, a Unicamp e a Unesp têm um desempenho melhor do que na metodologia antiga, enquanto a Unifesp e a UFSCar têm um aumento menos pronunciado. A UFABC tem um desempenho muito mais forte nesse indicador, como resultado de seus elevados níveis de colaboração internacional (veja abaixo).

Universidade	Research strength (FWCI Q3)
USP	1.12
Unifesp	1.06
Unicamp	1.19
Unesp	1.05
UFSCar	1.05
UFABC	1.12

Como a tabela apresenta, não há muita diferença entre cada instituição. De fato, a variabilidade não é diferente da observada no FWCI geral, embora os resultados em si sejam um pouco diferentes – a UFABC tem um desempenho mais elevado nessa medida do que no FWCI geral. A conclusão aqui é que esse indicador é capaz de distinguir entre universidades com número limitado de competências em pesquisa, mas que participam de poucos artigos de grande escala, e aquelas que são intensivas em pesquisa. Por esse motivo, as universidades públicas do Estado de São Paulo tiveram um bom desempenho nesse indicador.

2. Número de artigos entre os 10% mais citados na área do conhecimento (10%)

Este indicador é uma representação do número de artigos entre os 10% mais citados por ano de publicação, área de conhecimento e normalizado pelo número de docentes. Como não depende do tamanho da instituição, este indicador deve favorecer universidades menores. Unifesp, UFSCar e UFABC devem ter melhor desempenho neste indicador, enquanto é provável que USP e Unicamp não tenham desempenho tão favorável.

3. “Research Influence” (10%)

Esse indicador é uma medida da “centralidade” na rede de pesquisa de uma universidade. Ele é determinado pelo fato de a pesquisa que cita um artigo também ser altamente citada. Isso permite que uma medida da “qualidade” de uma citação seja avaliada. Uma citação de um artigo que é por sua vez altamente citado é mais valorizada do que uma autocitação ou citações repetidas em um pequeno grupo de pesquisadores.

Uma das limitações desse tipo de medida é que ela tende a não ser tão confiável em períodos curtos quanto os modelos de citação simples. Um artigo que está em avaliação precisa de tempo para adquirir citações. Este período se chama meia-vida – o período em que um artigo adquire a metade das citações que receberia ao longo do seu ciclo de vida. Depois, os artigos que citam o artigo em avaliação precisam de tempo para adquirir citações. Cada camada de citações requer uma meia-vida extra. Atualmente, a média geral de meia-vida para todas as áreas do conhecimento é de dois a três anos, e é por isso que normalmente não são considerados indicadores baseados em citações em um período curto. Algumas áreas são mais rápidas do que dois anos, especialmente a engenharia, enquanto outras são muito mais longas, especialmente as ciências sociais. Em média, esse indicador pode ser calculado de forma razoavelmente confiável até a primeira geração sucessora em cinco anos.

Nota: Para obter mais detalhes, consulte Wang, Barabási *et al.*, 2020, p. 197.

É provável que esse indicador favoreça fortemente as instituições estabelecidas na anglosfera, que estão mais próximas de outros grandes polos de pesquisa, e que produza resultados adversos para as universidades públicas do Estado de São Paulo.

Esse indicador não está disponível no Scival e, portanto, não é facilmente replicável.

Internacionalização

Uma das principais críticas à metodologia anterior é que as universidades de países de alta densidade científica e de menor população são mais favorecidas por seus indicadores de internacionalização. A metodologia do Times Higher Education tem três indicadores para determinar o nível de internacionalização: proporção de alunos internacionais, proporção de docentes internacionais e proporção de artigos publicados em coautoria internacional, cada um com uma ponderação de 2,5% do peso total. Nessa nova versão, esses indicadores serão normalizados pela população geral do país.

Isso deve levar a um aumento nas pontuações relativas à internacionalização das universidades públicas sediadas no Estado de São Paulo.

Há também um novo indicador para a oferta de oportunidades de intercâmbio para os alunos. Essa é uma das principais críticas à metodologia no passado – a de que a internacionalização por meio do recrutamento de estudantes internacionais em tempo integral era um indicador inapropriado para as instituições públicas latino-americanas. Os indicadores não descrevem o principal objetivo da internacionalização para as instituições públicas que independem da receita proveniente de alunos internacionais para sua sustentabilidade financeira. No entanto, esse novo indicador ainda não foi totalmente descrito e tem uma ponderação de zero, pois a interrupção de viagens causada pela pandemia da Covid-19 impossibilitou a obtenção de uma amostra confiável de mobilidade física.

Reputação

A pesquisa de reputação foi realizada anteriormente pela Elsevier, usando os endereços de *e-mail* institucionais dos autores no banco de dados Scopus. Essa pesquisa tinha cerca de dez mil respondentes por ano. A Times Higher Education publicado agora está realizando sua própria pesquisa com base em autores com pelo menos um artigo publicado nos últimos cinco anos e com pelo menos uma citação. Isso aumentou a taxa de resposta para cerca de trinta mil neste ano.

Indústria – Renda derivada da indústria e citações em patentes

Anteriormente, esse indicador era integralmente composto pela receita própria recebida pela universidade de usuários de serviços da universidade, não considerando a receita recebida de agências de financiamento de pesquisa, ou de orçamento principal. Esse indicador permanece, mas a ele foi acrescentada uma medida de pesquisa citada em patentes (citações de patentes). Esse indicador de receita representa um desafio para as universidades públicas brasileiras devido ao papel autônomo e descentralizado das fundações de apoio. No entanto, para 2025, a USP implantou uma nova metodologia que aprimorou sua pontuação, enquanto outras instituições também melhoraram seu desempenho.

Mudanças na ponderação

A ponderação de indicadores passou por algumas mudanças, além de denominações novas para indicadores.

Indicador em 2023	Ponderação em 2023	Indicador em 2024 e 2025	Ponderação em 2024 e 2025	Mudança
Ensino	30%	Ensino	29,5%	-0,5%
Pesquisa	30%	Ambiente de pesquisa	29%	-1,0%
Citações	30%	Excelência em pesquisa	30%	-
Renda industrial	2,5%	Indústria	4%	+1,5%
Perspectiva internacional	7,5%	Perspectiva internacional	7,5%	-
	100%		100%	

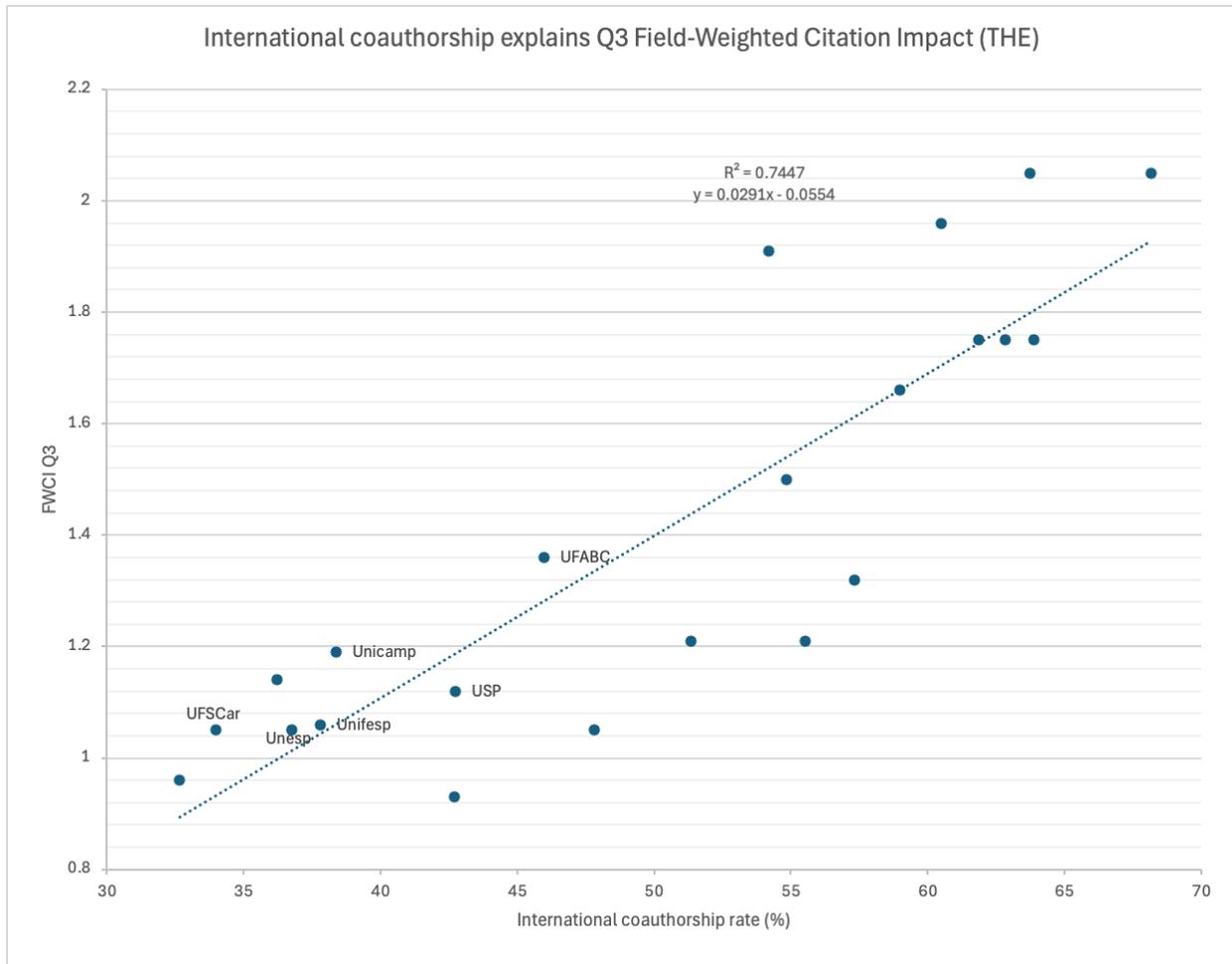
Embora essas alterações de ponderação sejam pequenas, vale a pena observar que o indicador “indústria” é muito mais importante em 2024 e 2025 do que em 2023 e, portanto, monitorar o número de citações de patentes é algo que as universidades deveriam considerar atentamente.

Recomendações para todas as instituições

Coautoria internacional e “research strength” (FWCI Q3)

Todas as universidades públicas do Estado de São Paulo poderiam melhorar seu desempenho nos indicadores de coautoria internacional, força de pesquisa (medida FWCI Q3) e FWCI geral. Nesta análise, consideramos as taxas de coautoria internacional como uma variável independente para o FWCI Q3 (força da pesquisa) para mostrar que, quanto mais difundida for a colaboração internacional, mais valorizada será a produção de uma universidade em geral.

O gráfico abaixo representa as taxas de coautoria internacional em relação ao FWCI Q3 para uma seleção de trinta grandes universidades intensivas em pesquisa em sistemas de ensino superior, com várias universidades ranqueadas no Times Higher Education. A análise mostra uma forte correlação positiva entre as duas variáveis e um R^2 de 0,74, mostrando que os dados se alinham razoavelmente bem com o modelo. Isso demonstra que as universidades grandes e intensivas em pesquisa que têm taxas mais altas de coautoria internacional têm pesquisas mais citadas como um todo (excluídos os 25% de pesquisas mais citadas na instituição).



Cabe observar que, de modo geral, as instituições acima da linha de tendência (ou seja, aquelas que colaboram menos do que seria esperado para a Q3 do FWCI que possuem) são, em geral, de países centrais e anglófonos. Os que estão abaixo da linha (que colaboram mais para retornos menores no FWCI) são, em geral, de países não anglófonos e menos centrais.

A UFSCar e a Unicamp estão acima dessa linha, com um retorno ligeiramente maior do que o esperado, a Unesp e a Unifesp estão na linha e a USP está ligeiramente, mas não significativamente, abaixo do esperado.

A UFABC tem o melhor desempenho tanto em coautoria internacional quanto em FWCI, mostrando que está em um bom caminho de desenvolvimento. O principal desafio da UFABC é manter essa taxa de colaboração e, ao mesmo tempo, aumentar a produtividade da pesquisa.

Para as outras cinco instituições, isso sugere fortemente que o aumento da taxa de coautoria internacional aumentaria significativamente o impacto de citação da instituição.

Como aprimorar o posicionamento institucional?

A lição das instituições que superam o impacto esperado da coautoria internacional é que elas, em geral, são as instituições que trazem parceiros internacionais para suas linhas de pesquisa existentes, como definidores de agenda. As universidades abaixo da linha, em geral, são aquelas que participam dos programas de pesquisa de outras instituições.

O raciocínio por trás disso é que, para que a internacionalização traga benefícios gerais à visibilidade da pesquisa de uma universidade, esse envolvimento deve ser incorporado às prioridades dos grupos e departamentos de pesquisa. Quando se limita a um resultado de um único autor que colabora com colegas internacionais, este impacto é mais limitado. Embora a interação isolada possa trazer resultados de curto prazo para os indivíduos, em geral causa um impacto limitado quando comparado a um envolvimento internacional amplo e profundo em projetos realizados pela própria universidade.

A prioridade, portanto, para as universidades públicas é facilitar a inserção internacional nas linhas de pesquisa existentes que são prioridades locais. Isso trará mais impacto de citação do que seguir as prioridades de pesquisa de outras instituições e ajudará a garantir que a pesquisa responda às necessidades e demandas locais, ao mesmo tempo que aumenta sua visibilidade e impacto.

Para atingir esse objetivo, é necessária uma forte coordenação entre as universidades e as agências de financiamento para garantir que os parceiros internacionais sejam incluídos nos projetos de pesquisa locais. Em particular, o papel da Fapesp é essencial no Estado de São Paulo.